

A congruência dos discursos de sustentabilidade no design: Guattari, Manzini e Vezzoli

The congruence between sustainable speech's: Guattari, Manzini and Vezzoli

Beatriz Sayuri Campaner Sakazaki, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

beatrizsayurics@outlook.com

Luiz Carlos de Laurentiz, Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design (FAUeD) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade de Uberlândia (UFU).

ludelaurentiz@ufu.com

Humberto Aparecido Guido, Doutor em Educação pela Universidade Federal de Campinas (UNICAMP), professor na Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais (IFILO), no departamento de Filosofia, e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (POSFIL) na Universidade de Uberlândia).

humguido@gmail.com

Resumo

A discussão origina-se como resultado da disciplina *Tópicos Especiais em Arquitetura e Urbanismo* do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design (PPGAU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O objetivo do artigo é criar um debate entre a *ecosofia* de Félix Guattari nas *Três Ecologias* (2001) e os conceitos mais recentes de sustentabilidade de Ezio Manzini discutidas nos livros *Design para a Inovação Social e Sustentabilidade* (2008) e, *Quando todos Fazem Design: uma introdução ao design para a inovação social* (2017), também no livro de Carlo Vezzoli, *Sistema Produto + Serviço Sustentável: fundamentos* (2018). O método utilizado é qualitativo e comparativo dentre as quatro obras. A partir desta análise bibliográfica obtêm-se o resultado de que estes autores se encontram em um nó que desdobra em semelhanças sobre os discursos até o grau em que as questões abordadas se tangenciam numa única massa heterogênea a qual emerge um único desejo: o da readaptação, o da mudança de paradigmas.

Palavras-chave: Bem-Estar Baseado no Produto x Acesso; Deleuze x Vezzoli e Manzini; Ecosofia e Economia Ecológica; Sistemas Habilitantes; Abordagens Teóricas de Sustentabilidade.

Abstract

The discussion begins with the result of the subject Tópicos Especiais em Arquitetura e Urbanismo of the Post-Graduation Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design (PPGAU) of the University Universidade Federal de Uberlândia (UFU). The objective of this article is develop a debate between the ecosophy of Félix Guattari in “The Three Ecologies” and the earlier concepts of sustainability of Ezio Manzini discussed in the books “Design for Social Inovation and Sustainability” (2008) and, “Design, When Everybody Designs: An Introduction to Design for Social Inovation” (2017), also on the book of Carlo Vezzoli “Product System + Sustainable Service: fundamentals” (2018). The using method is qualitative and comparative among these four books. From this bibliographical analysis has obtained a result that these three authors are in a node that unfolds in similarities in the discourse, then they reach a issue that are in a tangency of an unic heterogenic mass to which emerge a single desire: the one of readaption, the paradigm shift.

Keywords: *Welfare Based on Product x ACESS; Deleuze x Vezzoli and Manzini; Ecosophy and Ecological Economics; Enabling Systems; Theoretical Approaches of Sustainability.*

1. Introdução

Guattari constata no texto *As três ecologias*, com a primeira publicação datada em 1989 – a versão utilizada neste artigo trata-se da edição do ano 2001 – que a sociedade na contemporaneidade possui modos de vida individuais e coletivos que causam uma deterioração progressiva da humanidade e dos recursos naturais. O autor vivenciava a era de transição do modernismo para o pós-estruturalismo ou a hipermodernidade. O discurso inicia-se nas transformações técnico-científico e discute as alterações que elas proporcionaram nos modos de vida dos indivíduos na esfera do singular e do plural, a adaptação do capitalismo com as novas formas de mídias – as quais fazem um uso extensivo do meio visual para passar informações – e as consequências destes processos nas três ecologias: a social, a mental e a ambiental.

Como forma de adaptara o capitalismo ao novo contexto mundial que começou a se emergir a partir dos anos 1980 novas perspectivas acerca de temas antigos. Guattari (2001) propõe o conceito de ecosofia, isto é, a união das ideias ecológicas com a forma subjetiva dos pensamentos humanos numa perspectiva integrada entre o ser humano e a natureza. É um novo paradigma ao qual há um agente potencializador que decorre do processo de heterogênesse (modo de produzir diferenças), termo que será aprofundado mais a frente, embasado nas três ecologias.

Deste emblema, Manzini (2017) também faz uma análise crítica sobre as mudanças advindas da contemporaneidade e discursa sobre como o design deve lidar com a criação de infraestruturas resilientes que se localizam próximas ao local de consumo, numa oposição à ordem da cultura de produção em escala mundial e local. Manzini (2008) também desenvolve uma crítica sobre a forma que diversas soluções acerca da produção de produtos não conseguem se manter em ativa e com participação significativa no mercado colocando o próprio designer como parte da problemática, também encontra uma solução por meio da produção de sistemas habilitantes (MANZINI, 2008) e outra no design difuso (MANZINI, 2017).

Vezzoli (2018) entende que os problemas da insustentabilidade vêm do maior enfoque do mercado no quesito econômico da cultura do consumo, a qual visa maiores lucros acima da qualidade de vida e bem-estar. No quesito social, advém do desejo de replicação dos hábitos de consumo dos mais ricos pelos mais pobres que, se cria uma situação ambiental de insustentabilidade de matéria prima para a produção de tantos produtos. Assim, a visão da problemática é resultada no Sistemas Produto+Serviço (PSS), que se enquadra nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU.

Este artigo, portanto, pretende compreender a congruência dos discursos destes autores para que haja uma compreensão mais profunda e interdisciplinar entre o design e a filosofia acerca do tema da sustentabilidade: crucial para a qualidade ambiental, econômica, social, mental e subjetiva da sociedade na contemporaneidade.

2. As três ecologias: mental, social e ambiental

Numa primeira análise pós introdutórios a crítica de acerca da contemporaneidade é interessante compreender Guattari (2001) para o início do debate proposto para o artigo. Na contemporaneidade a sociedade está estabelecida mundialmente na escala glocal (global e local), onde, embora as cidades no globo estejam conectadas por uma rede característica da sociedade globalizada, elas conseguem manter singularidades específicas que reforçam a escala local e regional delas.

Além disto, a sociedade contemporânea também enfrenta complicações do mercado mundial que tende a manter em igualdade de valor os bens materiais, bens culturais, a fauna, a flora, dentre outros (GUATTARI, 2001, p.10). Isto replica em problemas ecológicos, os quais Guattari (2001) resoluta como as três ecologias: ambiental, social e mental.

A questão ambiental é negligenciada devido aos recursos naturais serem exauridos e/ou postos em riscos, por exemplo, as usinas de produção energética, como as nucleares, que podem atingir uma grande área por radiação; ou as usinas hidrelétricas, que retêm grande volume de água e podem ser rompidas e ocasionar mais alagamentos além dos que já realizados para a própria construção delas.

Também pode-se oferecer exemplos no quesito social, quanto a padronização dos comportamentos ditados pela mídia, mas que encontram rupturas, vindas de diversas linhas, como, a própria juventude, que já nasce nesses fluxos do mercado mundial, da subjetividade coletiva da mídia, e, mesmo assim, consegue desenvolver singularidades e diferenças. Guattari (2001) usa o exemplo do surgimento da cultura do rock, que se tornou um território existencial desta comunidade jovem.

Quanto à qualidade mental, adentra-se na característica da sociedade na contemporaneidade de possuir ideologias que alinham as subjetividades a serem suscetíveis a uma única interpretação, ou seja, unívocas, mas que também há outros domínios *de re-singularização* individual e/ou coletivas, como linhas de recomposições de produção de novos territórios, movimentos, crenças, hábitos, dentre outros. Guattari (2001), para se referir a este aspecto, menciona sobre o feminismo, o movimento negro, trabalho infantil, surgimento de métodos de contracepção e aborto.

Desta forma, a ecologia mental deveria ser elaborada em função das rupturas de sentidos das cadeias discursivas que não são embasadas na ética e/ou que engessam as diferentes formações ecosófica, de bem-estar, da qualidade de vida, da resiliência, do desenvolvimento sustentável.

Guattari (2001) implica que a produção dos sentidos subjetivos das mídias, das ideologias, dos processos do capitalismo, todos eles deveriam possuir linhas de rompimento das cadeias dos discursos num sentido “primário”, o qual gera formas mais congruentes com as diversas realidades, com as diferenças, práticas sustentáveis sejam desenvolvidas.

Este se torna o cenário negativo gerado da contemporaneidade acerca das três ecologias. Vezzoli (2018) comenta do sociólogo Bauman acerca da *modernidade líquida* para abordar as questões da sociedade global, que é “cada vez mais transitória, modificada e experimental” (idem, p.45). Também cita Castells para se referir à sociedade em redes,

dando enfoque às empresas e aos problemas advindos desta nova dinâmica e, no quesito mental, sobre a oposição entre a rede globalizada e à identidade do ego.

3. As tentativas de solucionar os problemas das três ecologias

Desde a Revolução da Informática, quando eclodiram as transformações técnico-científicas, proporcionou-se um contínuo desenvolvimento do trabalho maquinico redobrado, isto é, o trabalho das máquinas industriais sendo vastamente utilizado e produzindo em maiores quantidades. A forma de lidar com esta formação econômica e social foram responsáveis por gerar os conhecimentos da época e mostrar um novo plano perceptível, o qual, novos hábitos e costumes passam a ser construídos e repetidos (GUATTARI, 2001).

A lógica por trás do trabalho das máquinas replicadas na sociedade está na disponibilização de facilidades e simplificações do cotidiano oferecidos pelo aprimoramento tecnológico dos utensílios, do design, das formas de gestões, relações empresariais, etc., conseqüentemente, maior quantidade de tempo para as atividades humanas em potencial de lazer, aprimoramento pessoal, educação, dentre outros. Contudo, embora decorra de mais tempo disponível, outros problemas mentais (a solidão, a ociosidade, a angústia, a neurose), sociais (substituição do trabalho humano por máquinas, o desemprego estrutural, a marginalidade opressiva) e ecológicos (desertificação, extinção de espécies, desequilíbrio ambiental, efeito estufa) emergem diante do contexto (GUATTARI, 2001).

Nos anos 1980 estava em processo de intensificação os debates acerca das questões ambientais a busca por normas e políticas que compensariam a poluição com atividades produtivas, tais como o princípio do “poluidor pagador” ou a “produção limpa”. Já, em 1987, os debates estavam se ampliando para a esfera do coletivo com a Comissão da ONU para o Meio Ambiente e Desenvolvimento tendo como pauta principal “Nosso Futuro em Comum” (VEZZOLI et al., 2018, p.21-22).

Fala-se, portanto, de uma época que as máquinas produzem objetos em série; as mídias, conteúdos que englobam uma maior porcentagem de público alvo, conhecida como *mass-media*; os designers, produzem objetos que se encaixam na produção seriada; os arquitetos, modernos, tentam criar soluções modulares que conseguem englobar a sociedade como um todo; dentre outros acontecimentos que reforçam o caráter de produção em e para as massas.

Para Manzini (2008), esta é uma análise do bem-estar, que desde o início da industrialização atrelou-se ao consumo desenfreado de produtos, dá-se o nome de *bem-estar baseado no produto*. As máquinas substituem a mão de obra humana e realizam os serviços pesados de materialização do produto, assim, os bens são produzidos em menor tempo.

O que era esperado para os estudiosos da época baseava-se no aumento do acesso dos produtos pelas pessoas, acreditava-se que haveria uma democratização dos acessos. Porém, esta idealização não foi concretizada, pelo já mencionado, problemas das três ecologias. Manzini (2008) ressalta pelas proposições de que se a população inteira possui os mesmos hábitos de consumo, torna-se insustentável o Planeta oferecer a matéria prima para produção;

e, de que há uma catástrofe social advinda da análise dos padrões de consumo almejado, pois só é acessível para 20% da população enquanto os 80% ficam à margem, exclusas.

Numa ótica positiva da sociedade, Guattari (2001) propõe que no final da década de 1980 iniciou-se um período de declínio da massificação, da *mass-media*, devido a emersão de questionamentos dos modos dominantes de valorização. A *mass-media* cria uma padronização dos comportamentos que reduz e/ou anula a alteridade numa relação de subjetividade e exterioridade de implosão, infantilização regressiva, a favor da poluição mental e da espetacularização.

O autor caracteriza este fenômeno numa nova era, a *post-media*, na qual surgem novidades multidisciplinares que ofereçam subterfúgios da *mass-media* para que indivíduos e/ou comunidades possam se reinventar, se modificar, se *re-singularizar*. Estava-se iniciando a redução dos campos de bipolaridade do pensamento social e cartográfico dos políticos que dividia o planeta entre o antagonismo de classes, direita e esquerda, norte e sul. Tal como:

Não se trata mais - como nos períodos anteriores de luta de classe ou de defesa da "pátria do socialismo" - de fazer funcionar uma ideologia de maneira unívoca, é concebível em compensação que a nova referência *ecosófica* indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios. Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte, etc. - trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma *re-singularização* individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero (GUATTARI. 2001, p.15)

A sociedade contemporânea possui linhas de *re-singularização* individual e/ou coletiva nos mais variados domínios, que é desencadeada do questionamento das problemáticas ecológicas (natural, social e mental) que geram práticas e pensamentos singulares e/ou diferentes daqueles dominantes. Esta prática é definida como heterogênesse. Assim, a *ecosofia* é o conceito de articulação que garante sobre as problemáticas do ambiente natural e da sociedade, na perspectiva do autor, por meio de uma movimentação ético-política entre os três registros ecológicos: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana.

Seria uma movimentação ético-política por apresentar o caráter solidário, da alteridade, de respeito ao devir-outro e a diferença, no quesito da ética; e, no da política, por estar inserida em meio de forças que tentam conter o surgimento do devir. Nas palavras de Maffesoli (2017), a *ecosofia* é como um plano que pode ser dobrado, desdobrado, redobrado várias vezes, baseado na perspectiva das tentativas, dos acertos e erros:

Não mais o progresso, explicando a imperfeição, suprimindo as dobras do ser, mas o progressivo implicando-o. Ou seja, aceitando suas dobras. Um sim, de fato, ao que existe. Eis o fundamento, inconsciente, da sensibilidade ecológica. (MAFFESOLI, 2017)

Após a compreensão de que o *bem-estar baseado no produto* gera questões catastróficas no âmbito social e ambiental, a primeira reação foi desenvolver produtos que consumissem menos recursos; ocorreu, portanto, a proliferação de produtos *lights*, isto é, uma ação que visava a redução da pegada ecológica dos produtos, já que reduziria o consumo da matéria prima (MANZINI, 2008). Nota-se que é uma atitude com enfoque principal nos danos causados ao meio ambiente.

Porém, a reação da sociedade foi diferente do esperado: embora os produtos *lights* tenham incorporado mais tecnologias, e sejam mais ecoeficientes, o capitalismo se readaptou e transformou – por meio dos ciclos da moda, dos bens descartáveis, da síndrome do “clica e imprime” – as questões em atrativos para aumentar o consumo e a abundância de produção. Este efeito colateral Manzini titula como *rebound effect* ou efeito boomerang (MANZINI, 2008). O efeito boomerang gerou desordem econômica, social, cultural e tecnológica na esfera do individual e coletivo. Reforçou-se, mais uma vez, que o bem-estar está atrelado ao consumo.

Na tentativa de desvincular esta relação, o bem-estar baseou-se como solução o incentivo do consumo por experiências e/ou posse aos acessos à estas experiências, ou seja, o *bem-estar baseado no acesso*. É um estilo de vida no qual os indivíduos pagam para usufruir da experiência, como parques temáticos, boates e clubes (MANZINI, 2008).

De fato, houve um desligamento da correlação do bem-estar ao consumo material, porém, o bem-estar de acesso agravou ainda mais a insustentabilidade do sistema, tendo vista que não ocorreu a substituição das experiências pelo consumo dos produtos; ambos foram conjugados e, embora haja tentativas de rompimento destas ligações, ambos possuem a capacidade de readaptação semelhantes aos diferentes métodos de tentativa de evitar o efeito boomerang (MANZINI, 2008).

Além da problemática do efeito boomerang, há a denominada crise dos bens comuns. Trata-se da transformação de bens comuns, aqueles que deveriam ser universais, pertencer a todos – como a água, o ar, a terra, os espaços públicos urbanos, a sensação de segurança, o senso cívico, paisagens, dentre outros – serem transformados em bens adquiríveis, bens de mercado. Por exemplo, a água engarrafada, os shopping-centers, os serviços de vigilância de vizinhanças (MANZINI, 2008).

Outras formas que podem ser incluídas como efeitos colaterais é o surgimento do discurso da sustentabilidade e empresas tentarem subverter os novos paradigmas sem, de fato, passar pelas alterações necessárias, Vezzoli et al. (2018, p.25) menciona os termos *green washing* – usado “principalmente por empresas para criar nichos de mercados com estratégias pautados em argumentos ambientais que não correspondes a efetivas melhorias ambientais” – ou maquiagem verde e *blue washing* – termo para se referir às maquiadas dos discursos de instituições a fim de aparentarem que o desenvolvimento é pautado na sustentabilidade – ou maquiadas.

Estas exemplificações também podem ser correlacionadas como tentativas de aceitar que as modificações ambientais são irreversíveis, da aceitação do contexto de degradação – como a água engarrafada pôr o rio estar poluído, paisagens turísticas porque a beleza local foi devastada, serviços de vigilâncias porque os vizinhos não mais cuidam da vizinhança – identificadas como bens remediadores (MANZINI, 2008).

Desta forma, a busca por um novo paradigma também é proposta por Manzini (2008) e Vezzoli et al. (2018) e fala sobre a realização de ações integradas e ações sistêmicas. Busca-se mudar o modelo para que não haja privação. Atinge-se o novo paradigma por meio de políticas públicas, mudanças de referências de hábitos culturais negativos para saúde ou meio ambiente, busca por uma nova visão da descontinuação dos produtos, da conservação e regeneração através do produto, da prestação de serviços e de novos conhecimentos.

Desafiar o paradigma do crescimento implica, desta forma, em promover a melhoria do “bem-estar” da população mais pobre sem replicar os padrões de consumo e produção dos mais ricos e, ao mesmo tempo; promover estilos de vida menos pautados pelo acúmulo material entre os mais ricos e mais orientados à busca do “bem-estar”. (VEZZOLI et al., 2018, p.17)

Guattari (2001) faz a proposta de um novo paradigma baseado na ecosofia, que se diferencia de Manzini e Vezzoli pela abrangência da forma que os problemas são tratados e sua ótica é embasada, principalmente, numa visão ético-estético e acredita que as principais formas de lidar com os problemas das três ecologias estão pautadas nos modos que as sociedades enfrentam a coletividade nos ambientes naturais e construídos, com o sujeito individual consegue aumentar sua potência reinventando a forma que lida com as questões da vida na contemporaneidade, e, sobre como o indivíduo, o coletivo, os objetos, os espaços, os designs conversam entre si e criam interpretações e sugestões existenciais.

4. A ecosofia de Guattari

Diante dos problemas três problemas ecológicos, o paradigma da ecosofia é dividido em social, mental e subjetiva. A ecosofia social é o conceito de práticas que repensam e reinventam com ser-em-grupo, é a busca por modificações coletivas embasadas nas prerrogativas da *post-media* e também sobre as questões existenciais e da essência da subjetividade humana. Está na forma de lidar com o trabalho, os espaços públicos, a família, as relações de afetividade, o lazer, dentre outros. São práticas que envolvem comunidades de diferentes tamanhos e expressões, urbanas e/ou rurais, grandes e pequenas instituições, todas estas formas da sociedade se agrupar presentes na escala glocal (GUATTARI, 2001, p.15-16).

A ecosofia mental diz respeito a forma da relação do sujeito com o corpo. É a reinvenção em busca por formas de aliviar o sentido unívoco da uniformização dos públicos alvos, dos sabores industriais, das construções, das formas de se estabelecer economicamente, dos discursos, das perspectivas de vida, como o tempo, a vida e a morte. A ecosofia mental é uma mudança não embasada no historicismo ou nos determinismos infra estruturais, é a busca do sujeito em escapar da captura que engessa o indivíduo a ser algo que já é esperado socialmente, trata-se da busca pela potência de ser.

Porém, neste quesito, Guattari (2001) também deixa em destaque que sempre existirá uma ameaça de implosão bárbara, em caso de não ocorrer a rearticulação dos três registros ecológicos. Isto é, a retomada de movimentos que tendem a permanecer nos estados de subjetivação da forma já conhecida. Atinge-se esta ameaça pela aética, pela exaltação de movimentos como, “os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres...” (GUATTARI, 2001, p.17).

A ecosofia subjetiva diz respeito a componentes de subjetivação e, não necessariamente, atrelados ao ser, tal como ocorre com a associação de subjetividade e indivíduo, comumente confundida.

[...] o sujeito advém no momento em que o pensamento se obstina em apreender a si mesmo e põe a girar como um pião enlouquecido, sem enganchar em nada dos Territórios reais da existência, os quais por sua vez derivam uns em relação aos outros, como placas tectônicas sob a superfície dos continentes (GUATTARI, 2001, p.17).

São os vetores de subjetivação que se interligam e entrelaçam e que podem interseccionar pelos indivíduos. A subjetividade está presente no material e no imaterial, no dentro e no fora, no ser e no ambiente. Diante disto, o sujeito desliza nessas linhas de subjetivação, nesses territórios existenciais.

Sendo assim, tenho a convicção de que a questão da enunciação subjetiva colocar-se-á mais e mais à medida que se desenvolverem as máquinas produtoras de signos, de imagens, de sintaxe, de inteligência artificial. Disso decorrerá uma recomposição das práticas sociais e individuais que agrupo segundo três rubricas complementares – a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental – sob a égide ético-estética de uma ecosofia (GUATTARI, 2001, p.23)

Assim, da união destes três pilares, com a ecosofia social, mental e subjetiva, busca-se a criação de um novo paradigma de inspiração ético-estético. Isto é, a ecosofia. O paradigma ético-estético é ético no quesito de solidário, da capacidade de compreensão e respeito dos valores, da subjetivação do outro; estético, no caráter individual e singular de cada ser ou coisa, o que, no texto das Três Ecologias, Guattari trata como componentes da “psi”.

O design entra no discurso da ecosofia ao buscar criatividade, mudança de olhar e soluções embasada, a priori, na ética-estética. A estética aqui, não possui o mesmo sentido convencional do belo e do feio, é sobre a capacidade singular de o produto aferir no indivíduo uma capacidade de ser, agir e sentir, obviamente, baseada na ética. Trata-se da compreensão do que a ideia a ser desenvolvida pelo designer irá se relacionar com as questões mentais dos usuários, com o que subjetivamente no contexto aplicado os significados que ela pode exprimir e, em quais linhas sociais, práticas, derivações, crenças esta ideia irá se correlacionar.

Portanto, o design tem um papel importante para a mudança de paradigma por ser a ferramenta usada na ótica do marketing do mercado e para atrelar produtos aos desejos dos indivíduos visando o lucro no CMI, o que deveria ser pautado na filosofia da ética e estética, respeitando e desejando a ecosofia social, mental e subjetiva.

5. A soluções em um novo paradigma no Capitalismo Mundial Integrado

Estas questões levantadas por Manzini (2008) e Vezzoli et al. (2018) são importantes de serem explicadas porque correspondem ao que Guattari (2001) discute sobre o Capitalismo Mundial Integrado (CMI) – o CMI é a forma que Guattari encontrou para tratar da característica de descentralização do foco de poder nas estruturas de produção de bens e serviços para a produção de signos, de sintaxe de subjetividades, por meio da união da mídia, da publicidade e de sondagens (GUATTARI, 2001, p.30-31).

É um objeto produtivo-econômico-subjetivo que permite o CMI ter um caráter de organizar essas estruturas para que os fluxos de poder para que as produções de subjetividades sejam cíclicas e engessem a produção e repetições de hábitos, culturas, produtos, modos de vidas, design, isto é, ajam como ritornelos existenciais de controle e

tentativa de neutralização do surgimento de diferenças e produção de subjetividades pré-programadas (GUATTARI, 2001, p.34).

O CMI vincula a natureza à produção de cultura e na repetição dos agenciamentos processuais que fagocitam as tentativas de ruptura dentro dos conjuntos discursivos e encaixadas nos campos de significação. Assim, para se contornar o contexto glocal do CMI as várias tentativas de linhas de fuga dos ritornos existenciais são neutralizadas e aderidas ao capitalismo, como Guattari (2001) caracteriza como um sentido coletivo de pseudo-eternidade.

[...] as rupturas a-significantes, os catalisadores existenciais estão ao alcance das mãos, mas na ausência de um agenciamento de enunciação que lhes dê um suporte expressivo, eles permanecem passivos e correm o risco de perder sua consistência. (GUATTARI, 1989, p.28)

Neste contexto, nem os produtos *lights*, nem o bem-estar de acesso nem os bens-remediadores obtiveram a potência necessária para romperem estas produções de modos de vidas. O mercado mundial consegue de alguma forma contornar as situações e tirar proveito para produção de lucros. Portanto, a procura por soluções é importante para a compreensão do contexto, mas para se efetivar mudanças, de fato, é necessária a consistência de interferência no CMI, apenas assim, o desenvolvimento sustentável e a ecosofia podem ser efetuadas com os conceitos que carregam e, atingir, assim, a economia, a cultura e a sociedade.

A busca de novos paradigmas é reforçada tanto por Guattari quanto por Manzini, sendo consenso, a importância para a sustentabilidade a preservação ambiental para as futuras gerações. Manzini (2017) menciona, inclusive, sobre uma revolução radical de ordem social, econômica e política. Assim sendo, os momentos atuais da contemporaneidade que a sociedade enfrenta seriam turbulências necessárias para as transformações sistêmicas em larga escala. É a transformação do local não mais numa escala menor do globo, mas uma parte, uma dimensão que também está ativa na rede e que é capaz de causar mudanças, portanto, glocal. Quando os designers não se alinham a esta nova postura eles estão praticando atos de insustentabilidade, sendo considerados como parte do problema e, “um entrave à novas soluções quando estão unicamente inseridos em buscar novas invenções que sustentam e acentuam as criações de subjetivações já existentes e que não são de fato sustentáveis” (MANZINI, 2008, p.16).

Enquanto Guattari (2001) tende para a re-significação das subjetividades, Manzini (2008) analisa a capacidade dos designers em promover rupturas como o modo dominante de se produzir artefatos e ser coerente com os fundamentos da sustentabilidade, ou seja, o *bem-estar baseado no contexto*. Aumenta-se a qualidade dos bens-comuns, os bens materiais tornam-se duradouros, eficazes e ecoeficientes; troca-se o sistema atuante por uma nova geração de serviços colaborativos. Os usuários sabem, podem e desejam fazer, trata-se dos *sistemas habilitantes*.

Para Vezzoli et al. (2018), a substituição da produção de produtos pela produção de bem-estar é denominada de desenvolvimento sustentável. A seguir, um exemplo pautado por ele que diferencia estas duas atividades da mudança de postura diante de um mesmo problema no ponto de vista do designer:

Um designer orientando a esta perspectiva ortodoxa de crescimento buscaria, por exemplo, aumentar a produção do volume de bicicletas. Em contraste, um designer pautado pelo conceito

de “desenvolvimento sustentável” teria como foco soluções para a mobilidade permitindo a evolução qualitativa do bem-estar podendo resultar em soluções como compartilhamento de bicicleta ou bike-sharing onde a produção de bicicletas poderia até reduzir o ritmo de produção em função do efeito do compartilhamento (VEZZOLI et al., 2018, p.18).

O novo paradigma surge do conflito entre o modelo hegemônico e as forças desejastes do CMI, como uma nova resistência advinda de fluxos de mudanças que enfocam na busca de soluções para adequar os modos de vidas do capitalismo alinhados com a sustentabilidade tanto dos indivíduos e comunidades quanto do meio ambiente e mercado.

Há também o entrave que sempre estará presente nas tentativas de mudanças para paradigmas sustentáveis: o alinhamento do CMI para manter as situações sobre controle e evitar mudanças que não sejam esperadas, em outras palavras, que não haja a alteração sistêmica.

Diante deste contexto, do conflito de forças que desejam a permanência e as que desejam mudanças, Manzini (2008) pauta que uma grande força motriz para as alterações do paradigma se encontra na inovação e renovação social, na busca por alteração dos modos de vida, a busca pelo bem-estar, uma formação de rede projetual integrada, e a harmonização da sustentabilidade pela descontinuidade sistêmica e a aprendizagem social.

Vezzoli et al. (2018) acredita que a resiliência é crucial para que haja possibilidades de melhorias das condições de vida, tanto dos novos sistemas ecológicos, como da sincronia de produção com o a regeneração da natureza. Ele também subdivide a sustentabilidade de forma mais tradicional, por meio do discurso do tripé da sustentabilidade, que engloba a dimensão econômica, ambiental e social. Não se trata, em um primeiro momento, de um ponto de vista que tem como âncora a preocupação da criação de subjetividades, como a ecosofia.

Então, na tentativa de, mais uma vez, romper os padrões do CMI, o enfoque passa a ser na busca da otimização dos ciclos de vida dos produtos, da extensão da vida dos materiais, das facilidades de montagem, e de operações com baixo impacto ambiental (MANZINI apud. MANZINI; VEZZOLI, 2008). Estas apropriações se enquadram na proposta principal de Vezzoli (2008), os Sistemas Produto+Serviço (PSS), isto é, a união dos caracteres ambientais, sociais e econômicos englobando parâmetros que não foram aplicados nas soluções anteriores.

No quesito ambiental, a busca da inclusão da sustentabilidade não apenas no produto e/ou no bem-estar, mas também na forma de prestação de serviço e no modelo de negócios; no quesito social, na forma de integrar as diversidades sociais nos modelos de negócios, aumentar as discussões acerca do assunto, equidade entre os stakeholders, transparência das ações empresariais, condições dignas de trabalho e emprego, dentre outros; por fim, na questão econômica, é a alteração da perspectiva empresarial que contemplam o lucro financeiro como o único fim das organizações, pois, trata-se também da noção de que as atividades produtivas podem produzir bem-estar às pessoas. É a busca de uma justa-medida entre o bem-estar e a viabilidade econômica advinda da mudança de paradigma para a “economia verde”, é a compreensão de que, embora, das duas formas opostas possa se encontrar empresas economicamente viáveis, apenas com uma visão mais sustentável garante a implantação conceitual da causa (VEZZOLI et al., 2018, p.38).

Em união de todas estas dimensões o autor sustenta que é necessária uma “transformação profunda e radical em nosso modelo de desenvolvimento” (VEZZOLI et al., 2018, p.41). O desafio, portanto, é o modelo de sustentabilidade ser capaz de modificar o modelo de desenvolvimento atual. É inverter o enfoque do crescimento econômico como o principal para o desenvolvimento da sociedade. O PSS seria a solução que “separa o consumo de recursos da criação de valor” (idem, p.43).

Na esfera do indivíduo, a mudança sistêmica ocorre na busca individual de alterar os padrões conceituais das formas de se viver e relacionar com o outro e com o ambiente. É a forma de fazer uso da tecnologia, das percepções do perto e do longe, do possível e impossível, exclusivo e inclusivo, dentre outros. Assim, “entramos em um mundo multicultural, interdependente, o qual pode ser entendido e mudado somente sob uma perspectiva plural capaz de convergir à identidade cultural, à rede de relacionamentos globais e, às políticas multidimensionais” (VEZZOLI et al., 2018, p.45).

As proximidades advindas das tecnologias também modificaram o significado do tempo e do espaço na contemporaneidade, e esta relação afeta na forma de se perceber o mundo dos indivíduos na sociedade. A velocidade de acesso às informações, dos fluxos urbanos, dos mercados, dos desejos, etc., todos correlacionados tendem às pessoas viverem numa velocidade mais acelerada da rotina, dos sentimentos, das negociações, da espera por conquistas.

Manzini (2008) também trata deste conceito como a necessidade de troca do tempo veloz – modelo distribuído para sustentar a economia contemporânea que tende a acelerar o ritmo de vida e saturar o tempo com preenchimentos da lógica de sempre ser produtivo – pelo tempo lento e contemplativo, que se trata de aproveitar os breves tempos de “ócio”, de “não fazer nada”, as ações rotineiras mais lentas, como comer e conversar, é a apreciação mais profundas dos pequenos prazeres da vida.

Os autores, Manzini (2008), Vezzoli (2018) e Guattari (2001) também observam que as práticas da mudança de paradigmas não devem ser instituídas apenas pelos sistemas maiores, não se trata de uma mudança em suas totalidades das redes projetais das comunidades criativas *top-down* nem de uma *bottom-top*: são mudanças em diversas escalas, sentidos e intensidades, e que também têm pauta nas atividades cotidianas mais simples das pessoas:

Compreender que o poder do capitalista se desterritorializou, logo, não basta se por a ele apenas de fora, através de praticas sindicais e politicas tradicionais, tornou-se igualmente imperativo encarar os efeitos do domínio na ecologia mental, no cotidiano, na ética pessoal (GUATTARI, 2001, p.33)

As novas práticas ecológicas pautadas na mudança de paradigmas e ações integradas são também novas práticas micropolíticas e microsociais, novas práticas éticas e estéticas pautadas em novas forma de ser solidário, da forma de lidar com maiorias e minorias, com os detentores de grande poder econômico e pouco, novos olhares para a formação e compreensão do inconsciente (GUATTARI, 2001, p.35).

Conforme as ideias dos três autores se desenvolvem, nota-se que o discurso converge para um outro muito semelhante. Primeiramente, a partir de Guattari (2001), numa ótica de que na contemporaneidade deve-se criar vários agenciamentos ecosófico – o que Manzini relata que ocorreu com o bem-estar baseado no produto, bem-estar baseado no acesso – que

darão clareza para como conseguir existir fora da lógica do CMI (GUATTARI, 2001, p.37). Também, como Vezzoli et al. (2018) destaca:

As interconexões e multiculturalidades características da sociedade contemporânea são fatores de contexto chave que algumas pessoas explicitamente interpretam como circunstâncias agravantes (da quais precisaríamos nos defender), enquanto outras interpretam como um necessário campo de confrontação (ponto de partida), e, ainda outros como uma oportunidade e força impulsionadora para uma **inovação sustentável** (para ser explorada). (VEZZOLI et al., 2018, p.46)

É uma emergência de que a singularidade, a exceção e as raridades funcionem juntas com a ordem do CMI de caráter glocal. Os novos paradigmas precisam dobrar, recriar as intenções primárias que surgiram desde a Revolução Industrial, em todos os âmbitos, o mental, o subjetivo, o social, o econômico, o ambiental, o científico, dentre outros.

É uma renovação ético-estético baseada na produção de diferenças, o que Guattari (2001) nomeia de heterogênesse, num processo contínuo de busca pelo o que o torna singular, isto é, um processo de re-singularização. Também, mencionada por Manzini (2017) como um processo que seja capaz de orientar a forma de estar em comunidades e no mundo, o que não deixa de ser um caráter de subjetividade envolvendo o indivíduo.

Na esfera do design, Manzini (2017) vê um novo horizonte: o design difuso, o qual as pessoas comuns participam ativamente do “fazer design”, o qual o profissional é um conector e motivador das redes projetuais, dos novos processos de inovação, um estrategista que facilita a realização das ações, mas que não as tornam uma produção individual do profissional e, sim, uma ação colaborativa embasada neste novo sistema de valores.

A perspectiva de que o coletivo também envolve as mudanças individuais, pois, as mudanças profundas são realizadas quando há a entrega do indivíduo à causa. É um processo de mudança que exige de as pessoas “redesenhar a si mesmos e o seu modo de funcionamento” (MANZINI, 2017, p.16).

Diante dos autores Guattari, Vezzoli e Manzini criou-se uma tabela para expor de forma clara qual as perspectivas de cada um dos autores acerca das problemáticas da contemporaneidade advindas da insustentabilidade e das três ecologias, a ótica da mudança e as soluções apresentadas perante as problemáticas presentes na tabela 1.

	GUATTARI	VEZZOLI	MANZINI
A PROBLEMÁTICA	- Três ecologias; - Capitalismo Mundial Integrado.	- <i>Green washing e blue washing</i> ; - Cultura do consumo; - Descaso com o meio ambiente.	- Bens remediadores; - Efeito boomerang; - Crise dos bens comuns; - A ótica ultrapassada dos designers.
A FORMA DE REALIZAR A MUDANÇA	- Abordagem das três ecologias pautadas na ecosofia.	- Inovação social, mudança dos modos de vida, bem-estar, saúde, sustentabilidade; - Ações integradas e sistêmicas; - Economia verde	- Inovação social, mudança dos modos de vida, bem-estar, saúde, sustentabilidade; - Ações integradas e sistêmicas das redes projetuais na busca por novas prestação de serviços e de novos conhecimentos;
A SOLUÇÃO	- Produção de heterogênesse.	- PSS.	- Sistemas habilitantes; - Design difuso.

Tabela 1: Comparação da ótica de Guattari, Vezzoli e Manzini. Fonte: elaborado pelos autores.